

Aprovada na 925ª sessão

ALADI/CR/Ata 923  
(Extraordinária)  
14 de dezembro de 2006  
Hora: 11h 20m às 12h 00m

ATA DA 923ª SESSÃO, EXTRAORDINÁRIA,  
DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do Dia

O Comitê de Representantes recebe a visita do Presidente Executivo da Corporação Andina de Fomento, senhor Enrique García.

\_\_\_\_\_  
Preside:

LEONARDO CARRIÓN EGUIGUREN

Assistem: Juan Carlos Olima, Ricardo Hartstein e Ruben Ruffi (Argentina), Marcelo Janko Álvarez (Bolívia), Bernardo Pericás Neto, José Amir Da Costa Dornelles, Roberto Goidanich e Luiz Augusto Marfil (Brasil), Oscar Quina Truffa e Hernán Enrique Nuñez Montenegro (Chile), Claudia Turbay Quintero e Alfonso Soria Mendoza (Colômbia), Marielena Ruiz Capote e José Felipe Chaple Hernández (Cuba), Leonardo Carrión Eguiguren e Juan Larrea Miño (Ecuador), Perla Carvalho, Dora Rodríguez Romero e Marco Antonio Barrera Fuentes (México), Juan Carlos Ramírez Montalbetti e Nancy Doria de Guggiari (Paraguai), Eric Anderson Machado e Ricardo B. Romero Magni (Peru), Gonzalo Rodríguez Gigena e Miguel Pereira (Uruguai), e María Lourdes Urbaneja, Luisa López Moreno, Ramón José París García e Olga Mercedes Fuenmayor (Venezuela).

Secretário-Geral: Didier Operti Badán.

Subsecretários: José Rivera Banuet, Isaac Maidana Quisbert.

\_\_\_\_\_

PRESIDENTE. Iniciamos a reunião, extraordinária, número 923 do Comitê de Representantes para receber a visita do Economista Enrique García, Presidente da Corporação Andina de Fomento.

É muito grato receber o economista García, um amigo desta Casa e com o qual compartilhamos tudo o que é a aventura e a odisséia -para ser criativo- da integração. Não quero me estender no tema, porque todos o conhecemos, todos sabemos sobre seu extraordinário trabalho, todos visualizamos a função da CAF atualmente na América, transformando-se talvez na primeira Organização, que sendo criada em um dos grupos regionais como a Comunidade Andina, agora abrange toda a região como um elemento fundamental dos processos de convergência aos quais estamos dedicados.

Com estas poucas palavras, não quero me estender, dou a palavra ao Secretário-Geral para dar as boas-vindas ao economista García.

SECRETÁRIO-GERAL. Em nome da Secretaria-Geral, senhor Presidente, senhores Representantes, é muito grato para mim receber, nesta Sala, o senhor Enrique García, conhecido de todos nós, Presidente da Corporação Andina, um amigo da região, à frente de uma Instituição aberta, de uma Instituição que se beneficia do capital acionário de acionistas originais e de ações sobreviventes, de países da região e de fora dela e que tem criado um ponto de referência, no financiamento de obras regionais.

É interessante também, como informação, estabelecer que a Secretaria no relacionamento com instituições da região está trabalhando na formulação de uma espécie de *memorandum* de entendimento que nos permita na Secretaria, também receber da CAF, e em particular do seu próprio Presidente o apoio para certos temas, nos quais estamos notoriamente interessados.

Sem prejuízo de lembrar que há vários assuntos pendentes, como o do financiamento, muito lembrado pelas Representações presentes e que levaram a Secretaria a fazer consultas. Estamos fazendo com que o tema de alguma maneira faça parte desse memorando de entendimento para tomá-lo como tema de estudo porque as gestões de cobrança não são muito gratificadoras.

Se fosse possível ter algum mecanismo de intimação da mora, ou algo parecido ao que o velho Direito Romano tinha nos proibido no seu tempo, talvez a ALADI pudesse sobreviver até março, que é a *deadline*. Talvez, o senhor Enrique traga uma fórmula que nos permita sobreviver além de março.

Reiterando nossas palavras de boas-vindas e satisfação por tê-lo aqui conosco, tenho certeza de que a sua intervenção nos ilustrará em grande medida sobre qual é a inserção atual da CAF neste processo de integração regional. Obrigado, Presidente.

PRESIDENTE. Obrigado, Secretário-Geral.

Para mim é muito grato ceder a palavra ao economista Enrique García, Presidente da Corporação Andina de Fomento.

CORPORAÇÃO ANDINA DE FOMENTO (Enrique García). Muito obrigado, Presidente, apreciado Secretário-Geral, excelentíssimas senhoras Embaixadoras e senhores Embaixadores acreditados nesta Instituição, com a qual mantivemos durante anos um

excelente e construtivo relacionamento. Vejo aqui muitas caras, muitos velhos amigos e amigas. Todos nós temos andado nessas vicissitudes do desenvolvimento e da integração há muitos anos. Estive aqui, a última vez, há alguns anos e fico contente por vê-los a todos.

Peço-lhes licença para fazer algumas reflexões para começar. Em primeiro lugar, um pouco apresentar um panorama do que vemos na região, onde estão alguns comentários sobre como vemos os diversos processos de integração e, logicamente, nesse contexto, qual é a função da CAF atualmente e no futuro.

Se falamos da região, se os senhores lêem e olham as cifras macroeconômicas, há uma tendência a ser bastante otimistas, no sentido de que especialmente o ano 2004 e este ano 2005, se o virmos nesses termos, não há dúvida de que foram dois anos muito bons para a América Latina.

De fato, o ano passado foi o melhor ano da região em quase 25 ou 30 anos e isto por quê? Porque, em primeiro lugar, atingiu um crescimento econômico como região, próximo a 6% e que este ano vai ser inferior a 5%; mas de todas maneiras, comparado com os difíceis anos que teve que enfrentar a região no final da década dos 90', é obviamente um bom incentivo.

O segundo elemento é que tem feito tudo dentro de um âmbito de uma razoável e adequada estabilidade em matéria de inflação, com uma média próxima a 6%, e os poucos países que estão acima de 10% tiveram também diminuições importantes nos últimos dois anos.

O terceiro elemento também é estranho. Não é normal, que este panorama de crescimento e de estabilidade dos preços aconteceu no âmbito de uma situação muito apropriada, muito adequada, bem-sucedida no setor externo da América Latina. Tradicionalmente como corresponde às regiões em desenvolvimento, tem a característica de ter déficit em conta corrente de balança de pagamentos, porém, 2004 e 2005 são dois anos nos quais a região, como tal, tem superávit de conta corrente. Obviamente, pesa muito nisto, casos como o da Venezuela, que não somente em termos de crescimento econômico, que o ano passado teve 17%, este ano cremos que estará acima de 10% e, um superávit de conta corrente de quase 15, 16% do PIB, mas não é só na Venezuela, a maior parte dos países tem um superávit em conta corrente e os que têm déficit fica à margem.

Perguntamo-nos, estamos bem, estamos mal? E nisso tendo a ser mais cauteloso e a cautela vem por vários aspectos que mencionarei, primeiro é que este crescimento, este desenvolvimento da macroeconomia nos últimos anos tem uma base que, em essência, tem a ver muito com o comportamento da economia internacional, isto é, quais têm sido os motores desta recuperação. Um tem sido um fortalecimento na economia dos Estados Unidos, especialmente quanto ao consumo e um crescimento acima de 3,5%, que devido à dimensão dessa economia, obviamente puxa muito, mas os dois casos que são importantíssimos, é o fenômeno da China e da Índia, mas especialmente a China.

A China tem representado, para a região no seu conjunto, uma oportunidade e é um risco, todos estamos de acordo, mas no balanço geral tem sido algo positivo. E isso se traduz em que o setor que promoveu este crescimento na América Latina foi essencialmente o setor exportador. As exportações tiveram um crescimento muito alto e, em grande medida, os países que têm matérias-primas e uma série de produtos dessa natureza se beneficiaram de forma muito importante de termos de intercâmbio muito favoráveis na região.

Esse é o panorama, mas considero que isto é um pouco conjuntura, mas a pergunta: Como está a América Latina? E a notícia não é tão boa, darei más notícias. Já tenho dado boas notícias, agora darei as más notícias. São as seguintes, e por isso, acredito que a mensagem central que temos dado é que a América Latina não pode ser complacente neste momento. Isto é eterno. Este é um momento de reflexão para olhar que caminhos são os mais adequados para resolver os problemas aos que farei referência a seguir:

Primeiro, gostaria de dizer que no macro há riscos, embora possamos prever que este próximo ano, inclusive 2007 continuará em uma forma razoável dentro da economia mundial, mas os riscos quais são? Obviamente temos o problema dos Estados Unidos com os déficits altos, tanto fiscal como conta corrente. Considero que se o déficit de qualquer um dos países aqui presentes fosse como o dos Estados Unidos, o Fundo Monetário já teria levado presos os Ministros da Fazenda, não é a verdade, mas os Estados Unidos, obviamente esperamos que não aconteça isso, mas esse é um problema.

O segundo que pode acontecer é um aumento nas taxas de juros, isso tem implicações nas economias da região, algum acidente que possa acontecer, nunca sabemos, as epidemias, um problema na China, o que for, mas estes são remotos, diria que podemos ser razoavelmente otimistas, mas aqui vem a preocupação, como está a América Latina? E a má notícia é que se comparamos a América Latina dos anos 50' quando nenhum de nós existia, não é verdade, Didier? Acredito que o senhor estava já ativo nessa época, não é? (hilaridade). A verdade é que temos perdido importância relativa. A América Latina era a princípio dos 50' a primeira região depois dos países industrializados em importância relativa, segundo qualquer indicador, atualmente é a sexta.

Outro dado mais específico, no final dos anos 70', se comparamos a receita *per capita* da América Latina em relação aos países da OCDE, nesse momento representava em preços de poder de compra, aproximadamente 35% em preço FOB, atualmente representa menos de 20. Porém, se tomarmos os amigos asiáticos, nesse momento representavam 5%, atualmente representam quase o mesmo que a América Latina.

No caso do comércio internacional, não tenho as cifras, mas houve uma explosão de comércio de outras regiões do mundo e a América Latina tem ficado bastante atrasada. Ficamos contentes sempre que nos vemos internamente; outro dia na reunião do MERCOSUL falávamos: que tudo ia bem, aumentamos o comércio na Comunidade Andina e no MERCOSUL; quanto representa o comércio do MERCOSUL, intra-região? Menos de 20%. Nos andinos como algo muito importante chegou a 12, 14%, mas no conjunto de importância mundial, a América Latina perdeu.

Portanto, este é um primeiro dado importante. Segundo é que temos uma economia que é muito vulnerável, e por conseguinte, padrões de crescimento muito voláteis. Se olharmos as cifras, uma série nos últimos 20, 25 anos dá a impressão de que estamos em uma montanha-russa porque há subidas, agora estamos em um bom momento, mas, cuidado, os momentos difíceis chegarão.

O outro tema crítico, logicamente, é que não houve um avanço importante na incorporação dos benefícios que possa ter qualquer tipo de crescimento na maioria dos cidadãos. Deveríamos ter vergonha de dizê-lo, mas a América Latina é a região com a pior distribuição da riqueza de todas as regiões do mundo.

5% da população fica com 25% da receita, comparado com os países industrializados, esse mesmo 5% fica com 12%. Um de cada três latino-americanos vive com menos de 2 dólares por dia, e isto tem incidência na pobreza e na marginalidade, e embora tenha

havido melhoras, as mesmas têm sido lentas. Por conseguinte, esse é o panorama, um crescimento volátil não cria suficiente emprego, distribuição da riqueza bastante má e níveis de pobreza e de marginalidade que aumentam.

Portanto, perguntamo-nos: por que isto? Há dez mil razões, mas considero que há quatro temas que quero colocar na mesa, como críticos:

Primeiro, temos economias que não se diversificaram suficientemente, ou seja, há muita concentração nas exportações e é muito vulnerável aos choques externos.

Uma segunda é que os latino-americanos economizam pouco, e, por conseguinte, investem pouco. Simplesmente um dado: quanto economiza a América Latina? As economias do Governo, das corporações, das famílias, no conjunto da economia? Economiza em média nos últimos 10, 15 anos, 18%; no ano passado, como grande ano economizou 20% e nesse 20% pesam as economias da Venezuela que são enormes, acima de 35%. Isso é o que economiza, 18% em média. Como se compara isto com os amigos asiáticos? Economizam 35, 40, 45%. Não peço que economizemos tanto, mas obviamente, economizando 18% em média, é muito difícil investir o que seria necessário para poder crescer, não a 3 ou 4%. A América Latina teria que procurar um padrão de crescimento de 7, 8%, se quiser ter a possibilidade de acabar com essas brechas. Por conseguinte, as economias são baixas, a média agora está em 21, 22% e como há uma brecha entre as economias e o investimento, exceto os países com excedentes, aí está o problema do endividamento.

O terceiro tema é que se comparamos a América Latina em termos de como se vê em competitividade ou se queremos utilizar o termo “produtividade” medido em um sentido mais amplo, lamentavelmente, os índices nos situam também muito mal. Mal, por quê? Quais são os fatores? Falamos da macro antes, falamos da micro, tem que ver que qualidade temos de infra-estrutura e logística, que qualidade de educação e de recursos humanos temos, que acesso têm os agentes econômicos ao crédito, à educação, que qualidade de instituições temos, pois tudo isso da América Latina, de 117 países, está em média em uma posição superior a 70, e, logicamente, acarreta problemas de tipo social.

Neste contexto considero que é um momento muito importante de reflexão para incorporar um padrão de desenvolvimento que definimos de uma forma de maior integralidade, ou seja, se quisermos resolver os problemas da pobreza e da marginalidade, temos que assegurar um crescimento elevado, sustentado e de boa qualidade. Boa qualidade quer dizer que gere emprego, que seja eficiente, que inclua, que seja participativo, que respeite a diversidade cultural do meio ambiente, que não seja dogmático em posições, que tenham funções o Estado e o mercado em proporções apropriadas, dependendo das diferenças dos países e que simultaneamente se procure atacar o que chamamos de quatro “és”: que é a eficiência, para poder inserir-se nas realidades atuais do mundo e poder gerar a riqueza necessária.

O segundo é a equidade, que essa não simplesmente se espera que goteje amanhã, mas possa se obter de forma simultânea efeitos sociais de incorporação das pessoas.

O terceiro, que definitivamente é o equilíbrio ambiental, que considero fundamental e o quarto, a estabilidade, porque se deixamos de lado a estabilidade macro, acaba-se com tudo.

Portanto, neste contexto, acreditamos firmemente que os processos de integração da região são processos extremamente importantes, e nesse sentido, vemos uma dinâmica

muito grande que está acontecendo neste momento, e como é uma grande dinâmica também pode ser a fonte de confusão, se não se põe ordem e refiro-me a isto porque aqui, a ALADI tem uma função, ao meu ver, muito importante.

O que está acontecendo nos sistemas de integração? Considero que vimos coisas muito positivas, como por exemplo, o fato que se concretizou há um ano; a Comunidade Sul-Americana das Nações. Houve avanços nos acordos entre a CAN e o MERCOSUL. Houve outros movimentos na esfera comercial, importantes que foram os acordos bilaterais, exemplos: os acordos dos Estados Unidos com a América Central, com Dominicana e proximamente com o Panamá. Há negociações que estão fazendo três países andinos de uma zona de livre comércio com os Estados Unidos. A Venezuela, na reunião do MERCOSUL foi aceita para ser um membro pleno e iniciou um processo de adaptação que requer certo tipo de compromisso.

Com tudo isto, evidentemente, considero que se não pomos um pouco de ordem na parte comercial e nos compromissos, pode haver um grande caos, porque digamos, que acontece? O fato de que três países andinos negociem, são quatro, possivelmente um acordo de livre comércio vulnera, põe em risco a Comunidade Andina, sim ou não? Diz-se, não. Não é o mesmo dizer, a tarifa externa comum desaparece, teremos que encontrar outra fórmula. Se a Venezuela se incorpora ao MERCOSUL, isso vulnera ou não os acordos andinos? Devemos avaliar tudo isso.

Considero que tudo isto é positivo porque no fundo, o que estamos procurando é encontrar um caminho para que a região, para que a América Latina tenha uma presença muito mais clara, mais unida no âmbito internacional.

Nesse contexto, na CAF pensamos que a ALADI é um instrumento extremamente importante e à margem das negociações feitas no âmbito do MERCOSUL andino, sul-americano, os acordos bilaterais que houver. Aqui, os senhores têm a capacidade de levar adiante uma harmonização de todos esses acordos, levando em conta, o amplo, inclusive, o multilateral, o que acontece na OMC.

Se não acontecer isso, pode haver um grande risco de que os processos entrem em conflito, porque há uma realidade; se não forem estabelecidos os acordos de integração em uma base sólida no âmbito econômico e comercial; de investimento. Considero que o resto, que é muito importante, não é suficiente. Não é suficiente falar do tema social, não é suficiente falar do emprego, não é suficiente falar do político. Isso é chave, considero que o grande avanço e nisso vemos uma grande consciência; na região tem havido um avanço muito grande no lado político, por exemplo, há mais consciência sobre a importância da região.

Portanto, diria que vemos com otimismo, mas com preocupação o fato que haja tantos movimentos no plano comercial e pensamos que é um momento de ordenar tudo, sermos realistas, não propor objetivos mais altos que os necessários. O Presidente Lagos em duas ou três Cúpulas colocou o tema com bastante clareza: às vezes na América Latina, dá o exemplo de esportistas em olimpíadas, vamos saltar obstáculos e pomos o obstáculo em 1.30 m, o esportista corre, cai o obstáculo, a segunda tentativa, cai novamente o obstáculo. Compartilho o que ele diz, o que deveríamos fazer é baixar o obstáculo a 1.25 m, e veremos se o superamos e se superamos 1.25, pomos 1.30, mas muitas vezes não pomos 1.30, mas 1.35 e outras 1.40. Considero que a mensagem é sermos realistas, ver que é possível fazer, não desesperar-se e compatibilizar ao máximo estes esquemas.

A última parte diz: onde está a CAF nisto? Por definição somos uma Instituição que claramente tem se identificado como de essência latino-americana, porque os membros da CAF são latino-americanos e do Caribe. Quase todos, exceto Cuba, que espero que de alguma maneira possa se vincular à CAF. Todos os membros da ALADI são atualmente sócios da CAF, e o único caso é o de Cuba, que como reitero, espero que encontremos no futuro próximo um caminho para estarmos relacionados.

Portanto, nossa definição tem sido, não queremos repetir o que é o BID ou o Banco Mundial, ou seja de ter sócios japoneses ou alemães. Temos excelente relacionamento, obviamente, o único sócio fora da região é a Espanha, mas queremos manter essa identidade. Nossa missão central é o desenvolvimento sustentável e a integração regional, e quando falamos de integração regional estamos falando do Espaço mais ampliado. Então, o que tem acontecido nos últimos 10 anos especialmente, lembro quando vim a primeira vez a uma reunião como esta, simplesmente anunciei, há aproximadamente 12 anos, a intenção que tínhamos de que independentemente o México tivesse assinado ações de série C, queríamos que outros países o fizessem, e atualmente ficamos contentes ao dizer que praticamente estão todos aqui presentes.

E que significou isto? Significou que tenhamos uma liderança importante em vários temas da região. Nos países andinos, os que são maioria neste momento, emprestamos mais do que o BID e o Banco Mundial juntos. Este ano concluiu-se, anunciei na Cúpula MERCOSUL, vamos aprovar, ainda faltam alguns dias, mais de 4.600 milhões de dólares em 13 países, para infra-estrutura econômica, desenvolvimento social, pequena empresa, microempresa, temas ambientais, setor público, setor privado e, especialmente, a vontade de integração tem se expressado com mais ênfase, diria, no espaço sul-americano. Para dar uma idéia, a iniciativa IIRSA, onde temos uma função importante, nos últimos cinco anos, aprovamos aproximadamente 40 projetos de integração: energia, estradas, portos, enfim, por um montante de financiamento da CAF superior aos 3.000 milhões de dólares e para projetos que significam mais de 8.000, 9.000 milhões de dólares, só no ano passado ou neste ano diria, aprovamos 12 projetos de integração, por um valor de empréstimos nossos de 1000 milhões de dólares e para um investimento de aproximadamente 3.000 e muito diversificado, no Uruguai, no Brasil, no Paraguai, na Argentina, inclusive, em projetos com impacto nacional, naturalmente, mas regional especialmente.

Qual é a visão de futuro? Houve uma convergência política nos membros da CAF, de ter visto que a projeção mais ampla será regional. É algo muito desejável para a Instituição e este ano se fez uma modificação do convênio constitutivo da CAF, que aprovaram a Assembléia, os Plenipotenciários e agora está em aprovação dos Congressos dos cinco países andinos, de modo que são elegíveis para transformar-se em sócios plenos, membros plenos de países da América Latina e do Caribe que desejem e cumpram com os requisitos estabelecidos.

Este é um passo muito importante, e precisamente as conversações que temos com os países-membros da série C, em todos eles há uma disposição muito grande e diria que se projetamos 2006, 2007 até 2008, teremos uma Instituição com essas características.

Para concluir, posso dizer que é uma Instituição comprometida com a região e muito respeitosa das diferenças, não é dogmática. Não temos uma roupa para todos, aceitamos diferentes roupas feitas à medida, desde que haja coerência em como se manejam as políticas e os projetos apresentados.

Essa é a condição essencial e é uma Instituição onde temos conseguido muita coisa e isso devemos agradecer aos Governos, aos Presidentes, aos Ministros, a todos, que deram

autonomia de manejo, onde não existe uma interferência na administração do risco, porque, de quem dependemos, para sermos bem-sucedidos, para fazer tudo o que necessitamos, os países colocam capital, mas dependemos de ter acesso aos mercados internacionais de capital, e para isso a qualificação de risco que recebemos e temos é a mais alta.

Temos mais do que qualquer um dos países da região, não é porque tenham nos emprestado os Estados Unidos, a Alemanha ou o Japão, é porque teremos que ganhar nós mesmos.

Portanto, há um sentido de responsabilidade e de compromisso. Os senhores devem ver-nos como o banqueiro que pega o guarda-chuva quando chove, porque em um dia de sol não se necessita guarda-chuva, e isso foi traduzido em país por país. Todos os países têm seus dias bons, seus dias ruins e temos apostado sempre em chegar especialmente quando a situação estiver mal. São todos, cada um dos países teve e terá problemas e não somente vamos quando vemos que tudo está em ordem. Esse é o sentido de compromisso muito preeminente e em resumo, por conseguinte, espero Presidente, Secretário-Geral, senhoras e senhores Embaixadores, que esta convergência de idéias que considero que existem na Organização que presido e o que é esta Instituição, pode permitir que precisamente neste momento em que há tantos movimentos no plano da integração e comercial, possamos fazer um esforço, para ajudar a normalizar todas estas disposições chaves e a trabalhar também não só no comércio, mas no nosso forte que é melhorar a competitividade, melhorar a inclusão social, melhorar aspectos chaves para o desenvolvimento.

Agradeço muito por dar-me a oportunidade de estar esta manhã com os senhores e fico à disposição, senhor Presidente, senhor Secretário-Geral, para qualquer consulta. Obrigado.

PRESIDENTE. Obrigado, querido amigo Enrique García. Deu uma visão muito interessante, digamos, positiva e realista do que procura a nossa região.

Eficiência, equidade, equilíbrio, estabilidade. Quando possamos atuar com os quatro pontos, teremos inventado a fórmula da felicidade. Provavelmente as regiões têm uma ou outra, e as comparações são graves, porque nos pedem eficiência com equidade, quando em outras regiões há eficiência mas não há equidade, pedem-nos eficiência com equilíbrio, em muitas regiões são muito eficientes e o equilíbrio não existe e, obviamente, a estabilidade é algo que os países estamos fazendo esforços com rigor para mantê-los. É o desafio e tomara que possamos enfrentá-lo.

Têm a palavra os senhores Representantes.

Se não houver nenhuma intervenção, desculpem, a Colômbia tem a palavra.

Representação da COLÔMBIA (Claudia Turbay Quintero). Simplesmente gostaria de convidar a todos os colegas a aplaudirmos para agradecer a intervenção do economista García, que realmente fez uma muito ampla e completa exposição da sua visão da América Latina, e, sobretudo, também o agradecimento pela expressão do desejo de continuar trabalhando de perto nos propósitos desta Associação.

Gostaria de convidar a que o aplaudamos.

- Aplausos

PRESIDENTE. Gostaria de convidar agora a todas as Representações a sermos fotografados para lembrar este importante momento.

Encerra-se a sessão.

---